

Previsão: uma nova greve no início da safra, em abril.

Apesar do êxito das negociações e de o próprio acordo entre a Faesp e a Fetaesp ter sido comemorado como uma vitória, pois isso nunca havia acontecido na história das duas entidades, os bóias-frias de Guariba e as lideranças sindicais da região garantem ser bem provável que uma nova greve aconteça no início da safra da cana, em abril. A greve, uma novidade há um ano atrás, parece ser hoje um dado inerente, incorporado aos hábitos dos bóias-frias de Guariba.

Os resultados do movimento desencadeado em Guariba no dia 4 último, e que atingiu outras oito cidades, não foram os esperados pela categoria, que ficou descontente com o piso de Cr\$ 12.000 por dia. As lideranças sindicais do setor, porém, preferem contemporizar: "Não foi um bom acordo, mas também não foi um mau acordo", afirma Élio Neves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araraquara e diretor da Fetaesp. Para José de Fátima, presidente do Sindicato de Guariba. "houve a vantagem da equiparação dos salários das mulheres aos dos homens".

A autocrítica, unânime entre os líderes do movimento, é que "essa não era a hora de se fazer greve, pois estamos na época da entressafra". Essa constatação, no entanto, é invariavelmente seguida de uma promessa: no início da safra, quando as usinas estiverem programadas para funcionar 24 horas por dia, a situação será outra.

Armadilha

O primeiro problema a ser enfrentado é a data marcada para o início das negociações que vão definir a remuneração e as condições de trabalho dos bóias-frias na safra. Ficou decidido o dia 15 de fevereiro, mas os sindicalistas entendem que existe aí uma armadilha da classe patronal, começando cedo as negociações, fica diminuída a possibilidade de greve. "Em 15 de fevereiro não aceitamos negociar", afirma José de Fátima, alegando que "nem saberemos qual será a inflação de fevereiro, março e abril".

Na verdade a injunção é protelar o resultado das negociações com o objetivo de viabilizar o desencadeamento de greve em toda a região canavieira. Essa tática é claramente assumida por Élio Neves, que não vê a greve apenas como instrumento de pressão contra os usineiros:

— Pelo que a gente conhece do setor patronal, é difícil que saia acordo sem um movimento de pressão. Por outro lado, a Fetaesp tem primado pela participação dos trabalhadores em todo o processo. Os acordos de cúpula, além de dificultar seu efetivo cumprimento, muitas vezes não representam os seios e a necessidade dos trabalhadores.

Élio Neves afirma que mesmo com o fim da greve os sindicatos da região de Ribeirão Preto se mantêm mobilizados para a elaboração de uma pauta de reivindicações "que atenda às necessidades da categoria". No seu entendimento, "o sindicalismo só vai avançar na medida que as lutas acontecerem". Ele, então, adianta que "se a pauta não for aceita, não teremos condições de fechar nenhum acordo sem a participação da categoria. Se os patrões não se sensibilizarem com a nossa proposta, não vamos caminhar de joelhos, e é possível que surjam novas greves".

Nada a perder

Além da condução que a Federação e os sindicatos darão ao movimento, as lideranças observam que está existindo uma certa predisposição do bóia-fria para a greve. "Trabalhando

de sol a sol, mal remunerado, sujeito a vários tipos de acidentes e tratado pelos turmeiros e fiscais como bichos, os bóias-frias não tem nada a perder", garante Élio Neves. Para ele, a revolta do bóia-fria não é motivada apenas pela baixa remuneração, mas também pelas condições de trabalho que enfrenta. Neves compara o ambiente de trabalho na lavoura divino a "um campo de condenados a trabalhos forçados". A maioria dos fiscais trata os trabalhadores somente com palavras de baixo calão e isso aumenta a revolta e a vontade de fazer greve, garante Neves.

Mas o diretor da Fetaesp considera como principal fator para novas greves em abril o nível de consciência que, diz ele, "o trabalhador rural vem alcançando ultimamente". Dois fatores estariam contribuindo: a vida na cidade e os próprios movimentos grevistas.

Na medida em que o trabalhador rural reside na cidade, aumenta seu poder de reunião e o ambiente urbano é um lugar onde suas reclamações são ouvidas. Mais, ainda segundo Élio Neves, na cidade ele tem diferentes formas de vida à sua frente: "Quando o trabalhador rural vê uma mansão, ele se pergunta: por que eu tenho que morar numa casa tão feia e pequena?"

Por outro lado, Neves acha inconstável a possibilidade de um bóia-fria entrar em greve em solidariedade a seus colegas. Segundo o presidente do Sindicato de Araraquara. "os movimentos de maio do ano passado e de agora deram ao trabalhador um sentido muito grande de solidariedade. As greves expandiram para Barrinha e Sertãozinho, basicamente com o apelo à solidariedade aos companheiros de Guariba, que já estavam em greve e não podiam ficar sozinhos no movimento".

Para José de Fátima, o sindicalismo rural ainda é fraco, mas agora a própria pressão exercida pelos bóias-frias está fazendo com que os sindicatos — "90% deles dirigidos por pelegos" —, acordem. "Com a pressão dos trabalhadores, a greve vai explodir no início da safra, se não houver um bom acordo".

Élio Neves acredita que a greve é iminente porque "os usineiros ainda não se alertaram para a função social de suas empresas. O usineiro deve perceber que seus milhares de trabalhadores dependem de salários dignos e assina não pode servir apenas como uma fonte inesgotável de riqueza para seu próprio dono".

Violências

Na opinião das lideranças, a próxima greve será das mais acirradas, principalmente porque ela deverá acontecer quando a safra estiver em andamento. A paralisação do trabalho em período de produção será o maior prejuízo, "mas não único", afirma Neves, que prevê ações violentas e incontrolláveis dos bóias-frias. "Por mais que as lideranças aconselhem o contrário, é impossível controlar o pessoal que quer botar fogo em canaviais".

Outro fator que, ainda segundo Neves, poderá contribuir para o acirramento da greve é a presença da polícia. "Se a polícia continuar abusando da violência ela poderá ser recebida da mesma forma. Isso não é uma ameaça, mas sim um fato".

Ressaltando que "trabalhador rural não pode ser tratado como mercadoria descartável", Neves adianta que a garantia do trabalho na entressafra será um dos principais Itens da pauta da Fetaesp. Na opinião de José de Fátima, a maneira mais prática de assegurar trabalho o ano todo é a assinatura dos contratos no mês de junho (6) com um ano de validade. Como o aumento no uso de agrotóxicos vem provocando a demissão de trabalhadores no final da safra, vai constar na pauta a exigência de maior controle sobre a utilização de herbicidas.

Pelo menos em Guariba a disposição para a greve de abril é muito grande entre os bóias-frias. Aliás, é difícil encontrar alguém que não partilhe dessa opinião. A reclamação — e o

conseqüente motivo para a greve — é uma só: baixos salários. José Teodoro de Souza, 63 anos, viúvo, 14 filhos, resume: “O nosso salário já não dá para comprar nada, e ainda por cima as mercadorias aumentam de preço todos os dias. O jeito é fazer greve para ver se a situação melhora”.

J.R.F.

(Página 26)